



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

?No es tan simple como decir «tomo el medicamento y ya está»? reflexiones etnográficas sobre entrelazamientos entre cuerpos-selves y antirretrovirales en la era del Tratamiento como Prevención del VIH

Autoria: Agostina Aixa Gagliolo (UBA)

Desde 1996 un artefacto biotecnológico innovador, el Tratamiento Antirretroviral de Gran Actividad (TARGA), viene cobrando centralidad en el manejo de la epidemia del VIH/SIDA a nivel global. Incorporada como ?bala mágica? por las políticas de gobierno de la epidemia, esta poderosa combinación de drogas capaz de evitar la replicación viral, tiene el potencial de transformar profundamente los cuerpos-selves. Diversos autores han abordado las formas en que el uso continuado de antirretrovirales (ARVs) genera vinculos productivos entre humanos y biotecnologías que reorganizan y modelan los cuerpos de quienes las consumen. Otres han señalado que las entidades humanas y no-humanas (incluyendo las biotecnologías) vienen-a-ser a traves de múltiples entrelazamientos (entanglements) que dan forma a realidades múltiples y fluidas. Esta ponencia se propone abordar los complejos entrelazamientos entre cuerpos y ARVs, que implican multiples negociaciones y profundas transformaciones. Recuperamos aquí la narrativa de una persona con VIH en tratamiento ARV (Carlos), enmarcada en un análisis etnográfico en un Centro de Atención Primaria de Salud del Área Metropolitana de Buenos Aires, que forma parte de una investigación doctoral en curso. Recuperando la narrativa que Carlos elabora de su vida con innumerables tratamientos y sus relaciones materiales y afectivas con los ARVs, focalizamos en las acciones cotidianas, para dar cuenta cómo las enfermedades y sus tratamientos son actuadas (enacted) a través de una multiplicidad de prácticas y espacios que involucran



actores humanos y no-humanos. Así, la vida con VIH está en permanente co-constitución por medio de procesos dinámicos en los que cuerpos humanos y biotecnologías, cuyos límites son porosos o semi-permeables, vienen-a-ser.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: